

O ÚLTIMO MOMENTO

EDÉSIO

JOÃO BATISTA CRUZ

3º ano da Faculdade de Direito

De repente, apenas o impacto violento no peito que me fez perder as fôrças, o contrôle dos músculos das pernas e ir caindo devagar, vergando-me sôbre mim mesmo, até apoiar-me totalmente no chão e sentir na face quente o frio dos ladrilhos.

No princípio, não sabia explicar o que me havia acontecido. A dor que veio em seguida, o gôsto na bôca do metal que queimava dentro de mim e um apêrto no coração que, latejando, irradiava um calafrio medonho que percorria cada parte do meu corpo, cada ponto de minha pele, mostrou-me o significado daquilo.

Os meus membros tornaram-se lembranças de alguma coisa que agora me falta. Nenhum dêles me obedece por mais que eu tente movê-los e o esforço para erguer-me utilizando meu corpo é em vão. Sinto a vida fugir-me por entre os dedos sem nada poder fazer. Tento gritar, chamar por alguém que me socorra, mas a língua parece que não existe mais, a bôca, meu rosto, nada tenho de mim senão a consciência de algo que já perdi, e isto me desespera.

Cabeça sem corpo, sei que existo apenas no pensamento. Já não sei se ainda vejo ou apenas tenho lembrança dos

quadrados dos ladrilhos que se iniciam aqui bem junto do meu rosto, colados aos meus olhos e vão se estendendo até bem longe, inicialmente apenas de duas côres, uns prêtos, outros brancos, numa simetria perfeita, depois, um misturar de côres e matrizes provoca em mim sensações estéticas maravilhosas. O que era quadrados prêtos e brancos que se uniam para compor o chão da cozinha, adquiriu uma indescritível transparência e passou a cintilar diante dos meus olhos, proporcionando-me visões de uma realidade nunca antes percebida.

Para mim é como se tivessem sido finalmente abertas as portas da percepção e eu tivesse inesperadamente penetrado o mundo das coisas reais, libertando-me de mim, da prisão dos meus complexos e preconceitos, para aceitar as coisas mais simples como elas são em si mesmas, brilhando com suas luzes interiores num movimento constante delas para mim e não de mim para elas. De repente, vejo-me naquele estado de graça em que a natureza se desabrocha diante de mim e tudo cintila: o ladrilho sujo da cozinha torna-se um complexo de côres de rara beleza. Tudo passa a viver independente de seu significado próprio, num perpétuo presente, reunindo cada coisa dentro de si todo o mistério da vida.

Levado agora para dentro de mim, recolhido aos limites da minha própria realidade, a vida recebe um novo significado. Mas tudo tarde demais. O lamentar a falta de tudo já não faz mais sentido. O correr pelos campos já se acabou. O ar gostoso das manhãs e a umidade das noites não existem mais. Bach e Vivaldi, Van Gogh e Matisse, o ventinho à janela do trem, tudo perdido. A própria vida flutua dentro de mim e levam-me numa estranha viagem por um mundo tremendamente estranho, rolando apenas, sem barulho, sôbre as fôlhas sêcas, percorrendo o caminho sem fim, que atravessa o parque, cruza o rio lá embaixo e penetra no bosque, nas sombras do bosque, na escuridão do bosque...